

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RESIDÊNCIA  
MULTIPROFISSIONAL INTEGRADA EM GESTÃO E ATENÇÃO DE  
SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE

Márcia Yane Girolometto Ribeiro

**FANZINE: UMA NOVA FORMA DE LINGUAGEM NOS CURSOS DE  
SAÚDE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A  
MULHER**

Santa Maria, RS.  
2017

**Márcia Yane Girolometto Ribeiro**

**FANZINE: UMA NOVA FORMA DE LINGUAGEM NOS CURSOS DE SAÚDE  
SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós Graduação em Residência Multiprofissional Integrada em Sistema Público de Saúde, Atenção Básica/Estratégia Saúde da Família, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do grau de Especialista em Sistema Público de Saúde.

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Sheila Kocourek,

Santa Maria, RS.  
2017

## **FANZINE: uma nova forma de linguagem nos cursos de saúde sobre a representação da violência contra a mulher**

*Fanzine: a new language form in health courses on representation of violence against women*

**Ribeiro, Márcia Yane Girolometto, Brandolt, Catheline Rubim, Maia, Dyan Jamilles Brum, Kocourek, Sheila, Cezar, Pâmela Kurtz**

**RESUMO:** Este artigo relata a experiência de residentes do Programa de Residência Multiprofissional Integrada, da Universidade Federal de Santa Maria, através de intervenção de sensibilização com as alunos e alunas dos cursos de Enfermagem, Medicina e Odontologia da mesma instituição, sobre violência. Essa intervenção integra o projeto de pesquisa do PET - Redes Urgência/Emergência *Violência contra crianças, adolescentes, mulheres e idosos*, no qual, após análise de dados, constatou-se que mais discussões e abordagens sobre o tema se faziam necessários na graduação. Diante disso, utilizou-se como metodologia o fanzine, que propõe a comunicação através de produções autônomas, por meio de expressões livres, coletivas e criativas sobre o que cada aluno e aluna tem a dizer diante da temática proposta. Os alunos e alunas de Medicina não participaram da intervenção devido ao processo de ocupação da universidade, que ocorreu de outubro a novembro de 2016, em protesto contra medidas do governo Michel Temer, após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Os resultados mostraram as diferentes concepções e representações das violências entre os alunos e alunas e entre os cursos de Enfermagem e Odontologia. A análise dos fanzines produzidos destaca a temática de gênero, que possibilitou a discussão sobre a representação do símbolo feminino e a violência física contra a mulher. A intervenção possibilitou a aproximação com a graduação através de sensibilização, utilizando um novo meio de linguagem: o fanzine, que amplia as discussões e trocas entre os e as participantes dos grupos, aproximando a teoria da prática e promovendo o reconhecimento das ações que devem ser tomadas frente a essas situações.

**DESCRITORES:** Violência; Estudantes de Ciências da Saúde; Meios de Comunicação; Sexismo.

**ABSTRACT:** This paper reports the experience of residents of the Integrated Multiprofessional Residency Program, from Federal University of Santa Maria, through awareness intervention with Nursing, Medical Science and Dentistry students from the same institution, about violence. This intervention is part of the PET-Urgency/Emergency Network research project *Violence against children, teenagers, women and elders*, in which, after data

analysis, it was discovered that more discussion and approach on the subject were necessary in graduation school. Facing this, it was used as methodology the fanzine, that enables communication through independent production, using free, collective and creative expressions about what each student has to say about the given theme. Medical students didn't take part in the intervention due to the university occupation process, that took place from October to November 2016, in protest against Michel Temer government's measures, after president Dilma Rousseff's impeachment. The results show the different conceptions and representations of violence between the students and between Nursing and Dentistry courses. The produced fanzines analysis points out the gender theme, that enabled the discussion about the female symbol representation and physical violence against women. The intervention allowed closeness to graduation through awareness, using a new media: the fanzine, that expands the discussion and exchange between the groups' members, bringing together theory and practice and promoting recognition of the actions that must be taken facing these situations.

**KEYWORDS:** Violence; Health Sciences Students; Media; Sexism.

## **INTRODUÇÃO**

Historicamente, no Brasil, a violência sempre esteve articulada à sua forma de colonização e desenvolvimento. Reconhecê-la como problema da área da saúde vem se fazendo de forma fragmentada, lenta intermitente, mas progressiva. Considerada um fenômeno sócio-histórico, a violência afeta a saúde quando provoca lesões, traumas físicos, agravos emocionais e espirituais, além de diminuir a qualidade de vida das pessoas e das coletividades (MINAYO, 2006). Apesar da violência não ser intervenção exclusiva da saúde, todos os agravos e ameaças à vida devem fazer parte do rol de intervenções em saúde pública (MINAYO, 2002).

A cada ano mais de um milhão de pessoas perdem a vida, e muitas mais sofrem ferimentos não fatais resultantes de autoagressões, agressões interpessoais ou violência coletiva. Da mesma forma que seus impactos, algumas causas da violência são facilmente constatadas, enquanto outras estão profundamente enraizadas no tecido social, cultural e econômico da vida humana. Pesquisas recentes sugerem que, enquanto fatores biológicos e vários fatores individuais explicam a predisposição para a agressão, com frequência tais fatores interagem com fatores familiares, comunitários, culturais ou outros fatores externos, criando situações em que a violência pode ocorrer (DAHLBERG; KRUG, 2007).

Conforme Wanderbroocke e Moré (2012), devido aos profissionais da saúde na

Atenção Primária à Saúde/Atenção Básica (APS/AB) desempenharem ações de promoção e prevenção de saúde, acabam por desenvolver atuação direta nas relações de violência, e com isso o serviço de saúde auxilia na rede de suporte para o cuidado de sua população. Por isso, trabalhar com pessoas em situação de violência exige uma readequação da organização dos serviços de saúde, ou seja, coloca novos problemas para o atendimento preventivo e curativo, evidenciando a necessidade de atuação mais específica, interdisciplinar, multiprofissional e intersetorial, visando às necessidades dos cidadãos (MINAYO, 2006).

Diante disso, é evidente a importância de capacitar os profissionais de saúde para atuarem mais profundamente nas questões de violência. Além disso, é importante estar atento às manifestações da violência para além de algo materializado, já que situações como essas ajudam na construção de sentimentos que podem potencializar a fragilidade de sujeitos expostos a elas (WANDERBROOKE; MORÉ, 2013).

Em saúde, os métodos para discutir as práticas de formação necessitam extrapolar o modelo tradicional, conservador, individualista e que promove competitividade, para uma amplitude de experiências na qual a educação “na/em” saúde esteja voltada para um espaço de trocas de saberes. Aqui se destaca a pedagogia da problematização, bem como metodologias ativas que favorecem a participação ativa, crítica-reflexiva. Assim, a troca de saberes e o diálogo são seus principais instrumentos para convocar a implicação e/ou desacomodação para que os sujeitos reflitam sobre possíveis situações que adentram ou vão adentrar suas práticas nos serviços. Essas novas concepções orientam para uma educação popular em saúde, uma vez que não se pode distanciar a academia/educação das práticas sociais, culturais e representações da sociedade atual (OLIVEIRA et al, 2015).

Segundo Brasil (2014), o enfoque da metodologia participativa valoriza os conhecimentos e vivências reais ou imaginárias das participantes, provocando a reflexão, e busca construir sentidos às situações concretas da vida. Existindo várias formas de trabalho em metodologias participativas, embasadas em saberes multidisciplinares, as mais conhecidas são círculos de cultura, oficina e técnicas de grupo.

Nesse sentido, esta experiência parte de um projeto de intervenção no qual se desenvolveram oficinas, utilizando um meio de linguagem escrito e visual denominado “fanzine”, que proporciona uma discussão crítica-reflexiva perante um recorte que reflete a realidade social; que possibilita a livre expressão de ideias sem censura, uma transmissão de informações estimuladas pelo uso da criatividade. Os “zines” são estabelecidos como produto da interação da vontade/escolha do locutor dentro de um tema, através de um processo de busca constante de expressão, inquietação e modificação de padrões, assim

construindo e reconstruindo saberes que possam intervir na maneira de cuidar e pensar no seu grupo social. (CAMPOS, 2009; LOPES, BORBA, MONZELI, 2013; RIBEIRO, LOBO, PRADO, 2015).

O presente artigo se justifica, então, pela necessidade de aprofundar o conceito e as questões que envolvem a violência, a partir da importância de discutir a temática para se repensar como as grades curriculares dos cursos são abordadas na educação voltada para o Sistema Único de Saúde (SUS). Dessa forma, percebe-se que é necessário intervir através de sensibilização com os alunos e alunas dos cursos de Enfermagem, Medicina e Odontologia de uma instituição pública de ensino superior, diante das situações de violência que adentram os serviços de saúde. Espera-se que sejam provocadas mudanças e que esses futuros profissionais desenvolvam o cuidado às vítimas de violências das mais diversas manifestações e reconheçam as ações que devem ser tomadas frente a essas situações.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa de intervenção é de caráter descritivo exploratório de abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2010), trabalha com a realidade social humana (o agir, o pensar, interpretar as ações dentro e a partir da realidade que é partilhada com seus semelhantes). Com isso, o foco principal encontra-se na exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que se pretende investigar. Essa intervenção integra um recorte de um macro projeto de pesquisa do PET-Redes Urgência/Emergência intitulado *Violência contra crianças, adolescentes, mulheres e idosos* (CAEE 32707114.0.0000.5346).

Após análise do banco de dados, se propôs a intervenção devido aos profissionais terem relatado que o tempo de serviço passa a ser determinante para melhor esclarecimento e reconhecimento da ocorrência da violência. Os profissionais também relataram ser essencial abordar a temática da violência dentro do ambiente acadêmico. Diante disso, utilizou-se a metodologia ativa do fanzine, um veículo de comunicação que utiliza a expressão livre de construção coletiva, contribuindo com a produção autônoma e a criatividade de cada aluno e aluna que tem algo a dizer sobre fatos ou situações que o rodeiam.

O termo *fanzine* vem da junção de duas palavras, *fanatic* e *magazine*: “revista de fanático” ou “revista de fã”. Uma produção e publicação autônoma de baixo custo que estimula o uso da criatividade; uma forma de abordar assuntos de discussão crítico-reflexivo perante um recorte que reflete a realidade social. Normalmente são artesanais, com desenhos feitos à mão, colagens, montagens, gravuras, fotocópias, grampeados em casa, etc. A tiragem costuma ser pequena e raramente o lucro é visado. O autor é totalmente livre para expressar

pensamentos e gostos sem restrição, não necessitando seguir uma periodicidade ou um formato (CAMPOS, 2009).

Sendo assim, participaram da intervenção um total de 31 alunos e alunas, sendo 18 do quarto semestre do curso de Enfermagem e 13 do primeiro semestre de Odontologia. Foram incluídas os alunos e alunas dos cursos que estiveram presentes nas disciplinas que abordam a Saúde Coletiva. Não participaram da intervenção os alunos e alunas de Medicina devido ao processo de ocupação<sup>1</sup> da universidade que ocorreu de outubro a novembro de 2016.

Optou-se por realizar a intervenção nas disciplinas que abordam a Saúde Coletiva por terem proximidade com a temática da violência, sendo previamente combinada com as professoras. Inicialmente, foram selecionados somente os cursos de Enfermagem, Medicina e Odontologia, pois cada equipe de saúde da família é composta por uma equipe multiprofissional mínima com médico generalista ou especialista em saúde da família, ou médico de família e comunidade, enfermeiro generalista ou especialista em saúde da família, auxiliar ou técnico de enfermagem e agentes comunitários de saúde (ACS). Pode-se acrescentar a essa composição, como parte da equipe multiprofissional, os profissionais de saúde bucal (ou equipe de Saúde Bucal-eSB): cirurgião-dentista generalista ou especialista em saúde da família, auxiliar e/ou técnico em Saúde Bucal (DAB, 2012).

A intervenção ocorreu nos meses de outubro e novembro de 2016, em salas de aula do Centro de Ciências da Saúde (CCS) de uma instituição pública de ensino Superior localizada no município de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. Durante a intervenção, organizaram-se oficinas de sensibilização com os alunos e alunas de cada curso de saúde, no horário de disciplinas relacionadas à Saúde Coletiva. Tais encontros aconteceram como estratégia para maior aproximação com os estudantes e, para facilitar a compreensão da temática proposta, cada turma foi dividida em grupos de seis pessoas para produção dos fanzines. Foi adotada a observação participante, em que as pesquisadoras se colocaram na posição dos observados, inserindo-se nos grupos a serem estudados se colocando como um dos membros (SOUZA; KANTORSKI; LUIS, 2011).

Depois, cada grupo apresentou seu fanzine, partindo de um *feedback* da experimentação de conhecimentos, com a proposta de que incorporassem a temática e entendessem o que devia ser discutido convidando-as a contribuir a partir de suas

---

<sup>1</sup> Movimento de repercussão nacional organizado pelos movimentos estudantis e sociais das universidades públicas em protesto contra medidas do governo Michel Temer como a Reforma do Ensino Médio, a Proposta de Emenda Constitucional à Constituição (PEC) de número 241 que estabeleceu um teto de gastos públicos como saúde e educação pelos próximos 20 anos e o projeto Escola Sem Partido, também conhecido como Lei da Mordaça, após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff.

experiências relacionadas ao tema violência. Tornando-os sujeitos ativos, sendo todos os saberes importantes, cada pessoa é valorizada como dona de um saber, um aprendiz. A partir disso, houve discussão de casos disparadores, que possibilitaram a visualização das posturas e encaminhamentos que os grupos realizariam enquanto profissionais de saúde frente aos casos problemáticos.

As pesquisadoras coordenaram todas as atividades. Ao final, através de uma exposição dialogada, houve uma apresentação de contextualização da violência: tipologias, com seus 3 grandes grupos (autoprovocada ou auto infligida, interpessoal e coletiva), natureza e seus 4 grupos (física, sexual, psicológica e negligência ou privação), dados do TABNET, a importância e objetivos da notificação, fluxos de atendimento a crianças e adolescentes, mulheres e idosos. Também foram apresentados relatos de experiências vivenciadas na atuação profissional como residentes, em que as pesquisadoras trouxeram dados para exposição e relevância do tema violência para discussão. Os temas geradores contemplaram a identificação, intervenção e encaminhamentos frente a casos de violências.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com a adoção da proposta metodológica do artigo, foram observadas diferentes concepções e representações das violências entre os alunos e alunas e entre os cursos de Enfermagem e Odontologia. Após análise dos fanzines produzidos, destaca-se a relevância da categoria gênero para a compreensão da violência, baseada na desigualdade entre homens e mulheres o que possibilitou discussões nas seguintes subcategorias: *a representação do símbolo feminino sob o olhar de alunas de enfermagem*, e *“não se cale”*: *a violência física contra a mulher sob a ótica de alunas de Odontologia*. Essas categorias delimitam alguns dos achados deste artigo, a fim de organizar os principais resultados por temáticas.

### **A REPRESENTAÇÃO DO SÍMBOLO FEMININO SOB O OLHAR DE ALUNOS E ALUNAS DE ENFERMAGEM**

A proposta metodológica do fanzine, mais conhecida no meio da Comunicação, por se tratar de um veículo de informação, recebe extensão em outras áreas pouco abordadas, como no caso da saúde, onde as alunas são convocadas a ver esse dispositivo como meio de linguagem disparador de ideias. Esta inserção na sala de aula, como ferramenta de livre expressão, facilita a compreensão de temas mais densos através de linguagens informais e a possibilidade de brincar com a linguagem visual, que estimulam a produção artística, aproximando os alunos e alunas de suas vivências.

De acordo com a temática proposta, ficaram evidentes as diferenças de gênero, que vêm sendo amplamente debatidas com a força que o movimento feminista vem ganhando nos últimos tempos e abrangendo a sociedade de maneira geral. Entretanto, é na universidade, principalmente pública, que esse debate ganha força, pois é um espaço de aprendizagem e discussão da realidade social. Entende-se que nesse meio busca-se a formação crítica e reflexiva de estudantes de diferentes áreas.

Nesse contexto, quando se fala de gênero, se remete às disparidades entre homens e mulheres enquanto sujeitos sociais, frente a interações e situações cotidianas que fazem parte da construção estrutural e cultural do país, como-a ideia de submissão da mulher e dominação do homem.

O gênero diz respeito às representações do masculino e do feminino, a imagens construídas (SAFFIOTI, 2004) que procuram dar significado às relações de poder. É um elemento que se estabelece nas relações sociais diante das diferenças entre os sexos, e se manifesta como um meio de decodificar o sentido e compreender as relações complexas presentes no meio social. Além disso, existem paradoxos estruturais na esfera socioeconômica e nas relações simbólicas entre os sexos. Nesses paradoxos, as diferenças físicas e psíquicas entre homens e mulheres são utilizadas como fator de desigualdade, opressão e discriminação, nas quais o sexo feminino padece numa situação de inferioridade e subordinação, apesar das conquistas ainda incipientes legadas pelo século XX (ALMEIDA, 2011).

Os modelos de masculinidade e feminilidade são construções que cada sociedade preenche com uma série de normas e atitudes, crenças, estereótipos e comportamentos previamente escolhidos neste amplo contexto social. Os estudos feministas revelam a relação desigual entre homens e mulheres, devido a uma construção social de gêneros (papéis) diferenciados e valorizados de acordo com o sexo das pessoas. Construções essas que emergem em prescrições sociais, através das quais se tenta regular a convivência (FREIRE, 2003).

Diante dessa relação desigual entre homens e mulheres, em que a mulher comumente se encontra em situação de subordinação, a violência de gênero – mais conhecida como violência contra a mulher – ganha destaque por ser tolerada e naturalizada nas relações sociais cotidianas. Para Bandeira (2014), a correlação da violência com a condição de gênero originou-se sob a inspiração das questões e reivindicações do movimento feminista que veio a ser apresentado como categoria sociológica e área de pesquisa e se caracterizou como questão central do movimento feminista nacional.

Por ser um problema de saúde pública, cada vez mais a violência contra a mulher é abordada pelos profissionais de saúde, sendo que muitas vezes as dificuldades para cuidar das vítimas podem estar relacionadas à formação acadêmica, durante a qual raramente são incluídos assuntos com produção de conhecimento técnico e específico sobre o tema (FAÚNDES et al. 2006).

Para Sardenberg (2011), a violência de gênero é toda e qualquer forma de agressão ou constrangimento físico, moral, psicológico, emocional, institucional, cultural ou patrimonial, que tenha por base a organização social dos sexos e que seja contra determinados indivíduos, explícita ou implicitamente, devido à sua condição de sexo ou orientação sexual. Contudo, em virtude da ordem de gênero patriarcal “machista”, dominante em nossa sociedade, são as mulheres que se veem comumente na situação de vítimas desse tipo de violência. Já para Teles e Melo (2003), a violência contra a mulher é aquela praticada contra a pessoa do sexo feminino, simplesmente pela condição de mulher, com a finalidade de intimidá-la para que o agressor exerça o papel de dominador e disciplinador.

Em consequência disso, o símbolo feminino tem, para muitas pessoas, uma representação social mais profunda e sensível do que é ser mulher numa sociedade patriarcal, em que o pensamento e a realidade nos mostram que, em diferentes lugares, a mulher se encontra vulnerável à ocorrência da violência e vê seu corpo ser objetificado, além da imposição de padrões estéticos através da mídia.

Na-intervenção, apesar do tempo curto para as oficinas e dos alunos e alunas não terem conhecimento teórico/prático sobre a metodologia ativa do fanzine, esses conseguiram representar a violência de forma significativa, ultrapassando o senso comum, como mostra a figura 1:



Figura 1: A representação do símbolo feminino (autoria alunos e alunas de enfermagem)

Nota-se a riqueza linguística deste fanzine, que permite o alcance de interpretação e

discussão em turmas semianalfabetas ou em processo de letramento, de diferentes idades e classes sociais, facilitando a aproximação de qualquer pessoa a representar a realidade social de forma simples, rompendo a relação burocrática entre o estudante e o papel, entre o produtor e suas expressões (CAMPOS, 2009).

Barreto et al (2015), sobre a percepção de alunos e alunas de Enfermagem sobre a violência contra a mulher, refere que afinidade, confiança e contato mais próximo com o público feminino e com procedimentos, são atributos associados à atuação do enfermeiro e enfermeira que também presta assistência física e psicológica, dando enfoque acerca da visão assistencial na totalidade humana.

Diariamente, as mulheres encontram-se condicionadas a opressão em diferentes lugares, os homens acreditam que podem passar a mão nos corpos das mulheres ou até mesmo beijá-las sem haver reciprocidade para essas ações. Constantemente passam por humilhações como piadinhas, canções, poemas, assobios, chamadas, buzinas e, de forma mais profunda, abusos e violências físicas como estupro e feminicídio ou veem-se diante de contos, novelas, comerciais, anúncios, ou mesmo livros didáticos (ditos científicos!), toda uma produção cultural que dissemina imagens e representações degradantes, ou que, de uma forma ou outra, diminuem as mulheres. A violência de gênero se expressa com força nas relações sociais e, de maneira mais naturalizada, na vida cultural, bombardeando por todos os lados, sem que as pessoas tenham plena consciência disso. Essas imagens são interiorizadas pela maioria esmagadora, muitas vezes elas contribuem sobremaneira na construção de identidades e subjetividades, diminuindo, inclusive, a autoestima. Isso tudo se constitui na violência simbólica de gênero, indubitavelmente, uma das formas de violência mais difíceis de detectar, analisar e, por isso mesmo, combater (SARDENBERG, 2011).

O homem, por ter na cultura brasileira o papel de dominar, acredita que toda mulher é submissa a ele e lhe deve satisfações. Através da pornografia, compreende que a mulher é um objeto e dele deve buscar a sua satisfação cultural de virilidade e masculinidade. Também por influência da mídia, pelo modelo de padrão estético, muitas mulheres implicadas na cultura machista acabam por se submeter a cirurgias e a idealização do corpo perfeito para serem aceitas socialmente e conquistem atração masculina.

Cavalcanti (2005) afirma que os agressores utilizam diversos meios para executarem seus atos, podendo as agressões ser físicas, psicológicas, verbais ou sociais. Essas agressões ocorrem tanto em âmbito público quanto privado e, nos casos mais graves, aparecem os estupros e assassinatos.

Em virtude de inúmeros casos de violências ocorrerem no âmbito familiar ou

doméstico, em 7 de agosto de 2006 foi criada a lei nº 11.340, a Lei Maria da Penha – nomeada em homenagem a uma sobrevivente de violência doméstica – que visa coibir, prevenir e erradicar a violência doméstica e familiar contra a mulher (BRASIL, 2006). Na figura 2 observa-se uma representação da lei Maria da Penha no fanzine de um grupo da turma de Enfermagem.



Figura 2: lei Maria da Penha (autoria alunos e alunas de enfermagem)

Enfermeiros e enfermeiras estão em contato direto com a maioria das vítimas, pois é nos serviços de saúde que as mulheres normalmente buscam ajuda e tratamento, o que possibilita a construção de elos de confiança com vistas a reduzir os índices desse agravo. Isso aponta a necessidade de estabelecer uma relação de cuidado da enfermagem às vítimas de violência para promover segurança, acolhimento, respeito e satisfação das suas necessidades individuais, assim como refletir sobre seu planejamento, pautado nos instrumentos básicos de enfermagem, nas políticas públicas de saúde e na legislação vigente,

com intuito de proteger as vítimas e prevenir agravos futuros (FERRAZ et al., 2009).

Percebe-se que, para a enfermagem, a violência contra a mulher é uma temática relevante para o levantamento de discussões e também de dados, que possam contribuir de forma significativa para a compreensão ampliada da saúde da mulher e de sua atuação profissional para além da assistência, implicando na promoção de ações que visem modificar a sua realidade. Para, além disso, o fanzine se mostrou um dispositivo inovador para a construção de conhecimento próximo da realidade local. Essa ferramenta possibilitou e ressignificou uma nova inserção de enfermeiros e enfermeiras nas práticas de educação em saúde.

## **NÃO SE CALE: A VIOLÊNCIA FÍSICA CONTRA A MULHER SOB A ÓTICA DE ALUNOS E ALUNAS DE ODONTOLOGIA**

A violência contra a mulher é complexa, multifatorial e ocorre em todos os lugares, sendo a de natureza física a que mais causa mortes, e muitas vezes ocorre pelo simples fato de a vítima ser mulher. Segundo o estudo de Costa et al. (2010) sobre agressões físicas, 50% das lesões decorrentes de violência referem-se a traumas orofaciais.

Para Minayo (2006), a violência física contra a mulher caracteriza-se por agressões, deixando marcas como hematomas, cortes, arranhões, manchas e fraturas; a quebra de objetos, utensílios e móveis; rasgar e esconder suas roupas, seus pertences e documentos; e trancar a mulher em casa. Dias (2008) entende que é qualquer conduta que ofenda a integridade ou a saúde corporal da mulher, mesmo que a agressão não deixe marcas aparentes, ou seja, qualquer uso da força física que venha a ofender o corpo ou a saúde da mulher configura violência física (Lei 11.340/2006 art.7º, I).

Nesse aspecto, o feminicídio é uma das formas mais cometidas. Entende-se por feminicídio

A instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex-parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a a tortura ou a tratamento cruel ou degradante. (BRASÍLIA, 2013).

Dados do *Mapa da Violência: homicídio de mulheres no Brasil*, de Waiselfisz (2015), mostram que dos 4.762 assassinatos de mulheres registrados em 2013 no Brasil, 50,3% foram cometidos por familiares, sendo que em 33,2% destes casos, o crime foi praticado pelo parceiro ou ex. Essas quase 5 mil mortes representam 13 homicídios femininos diários em 2013. O *mapa* revela ainda que, entre 1980 e 2013, 106.093 brasileiras foram vítimas de

assassinato. De 2003 a 2013, o número de vítimas do sexo feminino cresceu de 3.937 para 4.762, ou seja, mais de 21% na década.

A representação dessas questões fica clara em um dos fanzines produzidos por um grupo da turma de Odontologia na figura 3:



Figura 3: dê um basta (autoria alunos e alunas de odontologia)

É visível a compreensão do impacto do contexto histórico e cultural em nosso país, porém com a evolução de aspectos sociais e o crescimento do movimento feminista, a mulher está modificando seu papel na sociedade em busca de emancipação e empoderamento, além das denúncias e proteção na Lei Maria da Penha. Conforme ilustrado na figura 4:



Figura 4: não se cale (autoria alunos e alunas de odontologia)

O Brasil tem dois importantes marcos para o fortalecimento da rede de enfrentamento à violência contra as mulheres e da rede de atendimento às mulheres em situação de violência: a promulgação da Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) e a criação, em 2005, da Central de Atendimento à Mulher (Ligue 180), que funciona como disque-denúncia e

estabelece um canal direto com os serviços de segurança pública e Ministério Público de cada estado do país (BRASÍLIA, 2011).

Outro grupo da turma de Odontologia produziu um fanzine sobre violência obstétrica, como consta na figura 5:



Figura 5: violência obstétrica (autoria alunos e alunas de odontologia)

No meio acadêmico, a assistência obstétrica no Brasil tem sido constantemente questionada. Apesar de o movimento feminista denunciar a violência obstétrica há décadas,

caracterizando-a como violência contra a mulher e violação dos direitos humanos, essa é uma transgressão invisibilizada por afetar a integridade psicológica da vítima sem, contudo, deixar evidências de sua ocorrência. Muitos casos, porém, deixam marcas físicas e/ou culminam na morte das parturientes e de seus filhos ou filhas (CARVALHO et al., 2015).

Para Diniz et al. (2015), no mundo, apesar de ser considerado um tema "recente" ou um "novo" campo de estudo, o sofrimento das mulheres com a assistência ao parto é registrada em diferentes momentos históricos e frequentemente tem impacto importante na mudança das práticas de cuidado no ciclo gravídico-puerperal. Assim como no Brasil, em outros países da América Latina, o termo "violência obstétrica" é utilizado para descrever as diversas formas de violência perpetradas na assistência à gravidez, ao parto, ao pós-parto e ao abortamento.

Para além do dano físico ao corpo da mulher, como foi citado no fanzine pelos alunos e alunas de Odontologia através da palavra *episiotomia* – procedimento cirúrgico usado para aumentar a abertura vaginal com uma incisão no períneo, ao final do segundo estágio do parto vaginal (ZANETTI, 2009) – é importante salientar que essa violência também atinge a vida das mulheres em um contexto mais amplo, afinal entende-se por violência obstétrica

apropriação do corpo e dos processos reprodutivos das mulheres por profissional de saúde que se expresse por meio de relações desumanizadoras, de abuso de medicalização e de patologização dos processos naturais, resultando em perda de autonomia e capacidade de decidir livremente sobre seu corpo e sexualidade, impactando negativamente na qualidade de vida das mulheres. Definição dada pelas leis argentina e venezuela, onde a violência obstétrica é tipificada (Defensoria Pública do Estado de São Paulo, 2013).

Apesar dos estudantes apenas representarem a violência física na maioria dos fanzines, é importante destacar o recorte racial apontado por eles na figura 5, evidenciando que a mulher negra ainda é alvo de violência mais frequentemente que a mulher branca.

A percepção dos alunos e alunas de Odontologia sobre a violência contra a mulher está voltada para um tipo de ocorrência que talvez se explique por sua formação ser restrita à saúde bucal. Carvalho, Galo e Silva (2013), ao avaliar o conhecimento dos profissionais de Odontologia da rede pública e privada do município de Guaratinguetá (SP) sobre identificação e procedimentos frente à violência doméstica, descobriram que a maioria dos entrevistados indicavam ter recebido nenhuma informação sobre o assunto durante a graduação. A pesquisa de Tornavoi, Galo, Silva (2011), com odontólogas e odontólogos, também sinaliza a deficiência na temática de violência contra a mulher, corroborando a necessidade de mais abordagem do tema no ensino de graduação.

Ao final das oficinas, pode-se perceber que a utilização dos fanzines sensibilizou os alunos e alunas para a temática da violência, principalmente contra a mulher, trazendo

representações de diferentes concepções, proporcionando construções criativas e reflexões críticas dessa temática. Além disso, efetivou-se o papel da formação ensino-serviço através da Residência Multiprofissional, que permite o olhar crítico e reflexivo das situações de saúde, em busca da problematização da forma como as questões de saúde pública e coletiva são abordadas no sistema de saúde, e transmitidas para a população. Nesse sentido, através da utilização de metodologias ativas para ampliar as discussões e trocas entre os participantes do grupo, buscou-se a saída da teoria para aproximação da realidade, já que o fanzine convoca a autonomia do sujeito capaz de agir sobre a sua realidade, sendo o verdadeiro ator social e sujeito do próprio processo de desenvolvimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A utilização da metodologia ativa possibilitou a descrição desse relato, que mostrou a utilização do fanzine como nova forma de linguagem nos cursos de saúde, através dos quais os alunos e alunas puderam se sensibilizar pelo tema da violência contra a mulher. O fanzine foi uma metodologia expressiva de fácil abordagem, que permite análise e discussão crítica reflexiva de temas complexos, facilitando a leitura e interpretação para todas as pessoas através da linguagem não verbal.

Em relação à representação da violência pode-se observar a pluralidade de vivências e conhecimentos de alunos e alunas de Enfermagem e Odontologia, com riqueza de criatividade para construção dos fanzines. Esses trouxeram diferentes concepções da questão de gênero, na qual a mulher, apesar da evolução e força do movimento feminista na busca por equidade, ainda se encontra vulnerável a todo tipo de violência.

Dessa forma, a discussão da violência não se esgota e precisa ser debatida a todo momento, principalmente no meio acadêmico, possibilitando a formação de futuros profissionais mais críticos e engajados nas problemáticas da realidade social. O trabalho reafirma a importância da reformulação da grade curricular dos cursos de saúde, que procuram delinear uma formação técnica direcionada à prática clínica, mas afasta as alunas do contexto social. Um reflexo do modelo atual é que muitos profissionais, ao adentrar os serviços de saúde, não percebem a importância de alguns instrumentos importantes que permitem o conhecimento das dimensões e formas de violência, como a notificação compulsória, que possibilita o desenvolvimento de ações de fortalecimento da Rede de Atenção à Saúde (RAS) e das políticas públicas.

Ademais, a intervenção se mostrou inovadora nos cursos de saúde, já que a metodologia é mais utilizada na Comunicação, e possibilitou a aproximação do ensino-

serviço através da Residência Multiprofissional. Portanto, o fanzine se torna um novo dispositivo para trabalhar com grupos de educação em saúde, fortalecendo a autonomia e participação de cada sujeito, tornando-o parte do processo de conhecimento. Ainda revela um excelente instrumento para alunos e alunas e professores e professoras da área da saúde trabalharem com diversas temáticas dentro da Saúde Coletiva aproximando a teoria da prática.

Para que o fanzine seja efetivamente uma nova forma de linguagem nos cursos de saúde e possa fortalecer a atuação profissional, é fundamental a ampliação da equipe mínima da Estratégia de Saúde da Família (ESF). A inserção de outros núcleos pode contribuir de maneira interdisciplinar no cuidado em saúde e cada especificidade pode ampliar o olhar diante de situações que envolvam a violência.

Nesse aspecto, o núcleo de Nutrição permite aproximação com a temática da violência por estar relacionada à questão de transtornos alimentares (bulimia e anorexia nervosa). Esses transtornos geram distorção da percepção da imagem corporal, principalmente nas mulheres, levando à violência autoprovocada. Questões psicológicas e violências físicas ou sexuais podem contribuir para a ocorrência da compulsão alimentar, gerando excesso de peso e obesidade ou até mesmo Doenças Crônicas Não Transmissíveis. Em outras situações, muitas mulheres, buscando adequar-se ao padrão estético veiculado pela mídia, desenvolvem anorexia. Isso representa uma possibilidade de inserção da profissional nutricionista na APS por meio do Núcleo de Apoio da Saúde da Família (NASF).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.S de. As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, Campo Grande-MS*, n. 31, p. 165-181, jan./jun. 2011.

BANDEIRA, L.M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Soc. Estado*, v.29, n.2, p.449-69, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

BARRETO, T.M. et al. A violência contra a mulher sob a percepção de acadêmicos de enfermagem. *Revista Eletrônica Estácio Saúde*, v.4, n.2, p.52-66, 2015. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/saudesantacatarina/article/viewFile/1753/879>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Lei nº11.340, de 7 de agosto de 2006. Brasília, DF, 7 ago. 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Estratégia Saúde da Família**. Brasília, 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **II Caderno de educação popular em saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

\_\_\_\_\_. Rede de enfrentamento à violência contra as mulheres. Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Secretaria de Políticas para as Mulheres – Presidência da República, Brasília, 2011.

\_\_\_\_\_. Comissão Parlamentar Mista de Inquérito. Relatório final- **Violência contra a Mulher no Brasil**. Brasília, 2013.

CAMPOS, F.R. AbraFANZINE: da publicação independente à sala de aula. **Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos**, Belo Horizonte, v.5, n.10, p.65-77, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/view/10053/8957>>. Acesso em: 25 out. 2016.

CARVALHO, L.M.F; GALO, R; SILVA, R.H.A. O cirurgião-dentista frente à violência doméstica: conhecimento dos profissionais em âmbito público e privado. **Medicina**, Ribeirão Preto, v.46, n.3, p.297-304, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/69146/71601>>. Acesso em: 25 out. 2016.

CARVALHO, G.A.M.P. de et al. **Violência obstétrica**: Uma questão de gênero, raça e saúde. 2015. 136 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gênero, Desenvolvimento e Políticas Públicas), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

CAVALCANTI, S.V.S.F. A violência doméstica como violação dos direitos humanos. **Jus Navigandi**, Teresina, n. 901, ano 10, dez. 2005. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/7753/a-violencia-domestica-como-violacao-dos-direitos-humano>>. Acesso em: 28 set. 2016.

COSTA, M.C.O. et al. Avaliação do Programa Nacional de Ações Integradas e Referenciais (PAIR) para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes, em Feira de Santana, Bahia. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 563-574, mar. 2010.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232010000200033](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000200033)> Acesso em: 08 out. 2016.

DAHLBERG, L.L; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Rev Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 11, p.1163-1178, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232006000500007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007)> Acesso em: 12 ago. 2015.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Violência obstétrica você sabe o que é? Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher, Associação Artemis. Coordenadoria de Comunicação Social e Assessoria de Imprensa da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, novembro, 2013.

DIAS, M.B. **A Lei Maria da Penha na Justiça**. Revista dos Tribunais, 2007. p.42.

DINIZ, S.G. et al. Abuse and disrespect in childbirth care as a public health issue in Brazil: origins, definitions, impacts on maternal health, and proposals for its prevention. **J. Hum. Growth Dev**, v.25, n.3, p. 377-384, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/106080/106629>>. Acesso em: 10 out. 2016.

FAÚNDES A. et al. Violência sexual: procedimentos indicados e seus resultados no atendimento de urgência de mulheres vítimas de estupro. **Rev Bras Ginecol Obstet.**, v.28, n.2, p.126-35, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-72032006000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032006000200009)>. Acesso em: 25 nov. 2016.

FERRAZ, M.I.R. et al. O cuidado de enfermagem a vítimas de violência doméstica. **Cogitare Enferm**, v. 14, n. 4, p. 755-9, out./dez., 2009.

FREIRE, A.G.M. **Desarrollo del género en la feminidad y la masculinidad**. Madrid: Narcea, 2003.

LOPES,R.E.; BORBA, P.L.O.; MONZELI, G.A. Expressão livre de jovens por meio do fanzine: recurso para a terapia ocupacional social. **Rev Saúde e Soc.**, São Paulo, v. 22, n, 3, p.937-948, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902013000300027](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902013000300027)>. Acesso em: 29 set. 2016.

MINAYO, M. C.de S. (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed Fiocruz, 2002.

MINAYO, M. C. de S. **Violência e Saúde**. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MINAYO, M.C. de S. O desafio da Pesquisa. In: \_\_\_\_ (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, D.K.S. et al. A arte de educar na área da saúde: experiências com metodologias ativas. **Rev Humanidades e Inovação**, Palmas, v.2, n.1, jan./jul.,2015. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/60/61>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

RIBEIRO, M.O.; LOBO, J.A.de F.; PRADO, S.I. O fanzine como meio de orientação e prevenção contra maus-tratos à criança. **Rev Soc. Bras. Enferm. Ped.**, v.15, n.1, p. 44-52, junho, 2015. Disponível em: <[http://www.sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol15-n1/vol\\_15\\_n\\_2-artigo-de-revisao-3.pdf](http://www.sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol15-n1/vol_15_n_2-artigo-de-revisao-3.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2015.

SAFFIOTI, H.I. B. Gênero, Patriarcado, Violência. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004 . - (Coleção Brasil Urgente).

SARDENBERG, C. M. B. **A violência simbólica de gênero e a lei “antibaixaria” na Bahia**. OBSERVE: NEIM/UFBA, 2011.

SILVA, A. A.; BORGES, M. M. M de C. **Humanização da assistência de enfermagem ao idoso em uma unidade de saúde da família**. Rev Enfermagem Integrada – Ipatinga: Unileste-MG-V.1-N.1-Nov./Dez. 2008. Disponível em: [http://www.unilestemg.br/enfermagemintegrada/artigo/v1/andrea\\_silva\\_e\\_marta\\_borges.pdf](http://www.unilestemg.br/enfermagemintegrada/artigo/v1/andrea_silva_e_marta_borges.pdf).

SOUZA J; KANTORSKI, L.P; LUIS M.A.V. Análise documental e observação participante na pesquisa em saúde mental. **Rev Baiana Enferm.**, v.25, n.2, p.221-228, 2011. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/5252/4469>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

TELES, M.A.A; MELO, M. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TORNAVOI, D.C.; GALO, Rodrigo; SILVA, R.H.A. Conhecimento de profissionais de odontologia sobre violência doméstica. **RSBO**, Joinville, v. 8, n. 1, p. 54-59, 2011.

Disponível em: [http://vdisk.univille.edu.br/community/depto\\_odontologia/get/ODONTOLOGIA/RSBO/RSBO\\_v8\\_n1\\_janeiro-marco2011/v8n01a07.pdf](http://vdisk.univille.edu.br/community/depto_odontologia/get/ODONTOLOGIA/RSBO/RSBO_v8_n1_janeiro-marco2011/v8n01a07.pdf)>. Acesso em: 5 nov. 2016.

ZANETTI, M.R.D. et al. Episiotomia: revendo conceitos. **FEMINA**, v.37, n.7, p.367-371, 2009. Disponível em: <http://www.febrasgo.org.br/site/wp-content/uploads/2013/05/feminav37n7p367-71.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

WASELFISZ, J.J. Mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil. Brasília: OPAS/OMS, ONU Mulheres, SPM e Flacso, 2015 Disponível em: [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)>. Acesso em: 30 nov. 2016.

WANDERBROOKE, A.C.N.S; MORÉ, C.L.O.O. Abordagem profissional da violência familiar contra o idoso em uma unidade básica de saúde. **Cad. Saúde Pública**, v.29, n.12, p. 2513-22, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v29n12/v29n12a15.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

WANDERBROOKE, A.C.N.S, MORÉ, C.L.O.O. Significados de violência familiar contra o idoso na perspectiva de profissionais da Atenção Primária à Saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, v.17, n.8, p.2095-2103, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232012000800020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000800020)>. Acesso em: 10 maio 2015.